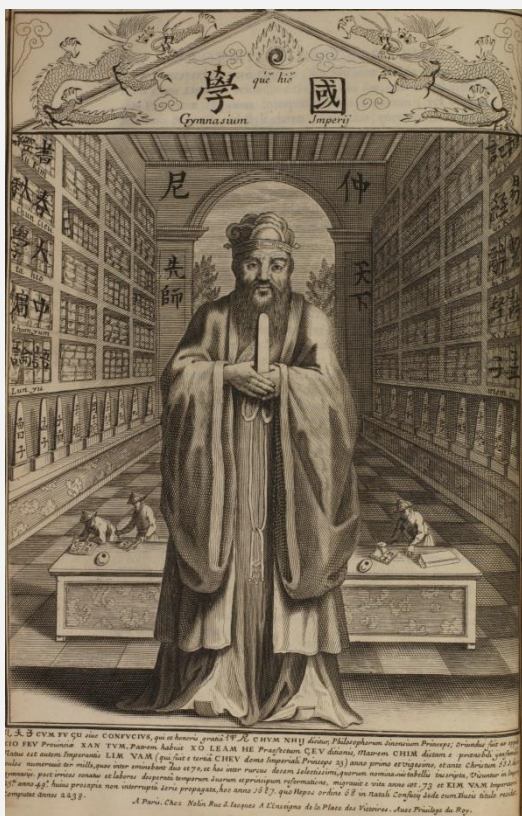


EXPOSIÇÃO

7 DE FEVEREIRO A 30 DE ABRIL DE 2014

Uma China Ilustrada

Temas chineses na Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra



A exposição «Uma China Ilustrada: temas chineses na Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra» reúne cerca de quarenta obras dedicadas à China que se encontram dispersas por diversos núcleos temáticos desta magnífica biblioteca histórica.

Traduzindo a época da constituição do acervo bibliográfico reunido na Casa da Livraria de Mafra, a maioria dos títulos apresentados corresponde a obras impressas ao longo do século XVIII. Trata-se de uma circunstância particularmente relevante para quem se interessa pelo estudo da interação cultural entre o Oriente e o Ocidente, uma vez que este período coincidiu com um crescente interesse da Europa pela China e com a consequente multiplicação de edições de livros, de imagens e de mapas relativos a esta parte da Ásia oriental.

Um conjunto de obras de tipografia portuguesa, publicadas na primeira metade do século XVII, foram seleccionadas para ilustrar o vasto *corpus* informativo relativo à China produzido e divulgado pelos agentes e pelas redes de longa distância estabelecidas pelos Portugueses ainda antes da constituição do entreposto permanente de Macau, na segunda metade da década de 1550. Este núcleo inicial, representado por crónicas como a *Asia* de **João de Barros** ou a *Asia Portuguesa* de **Manuel de Faria e Sousa**, é continuado por uma ampla amostra de livros de autores jesuítas e de outros missionários católicos dos séculos XVII e XVIII. Trata-se de um conjunto muito coerente de textos, centrados no tratamento de assuntos religiosos e filosóficos, e reveladores do importante diálogo cultural que estes actores então promoveram na China. Os respectivos conteúdos tiveram um profundo impacto na época, tendo

contribuído para cimentar uma visão profundamente idealizada da realidade chinesa que viria a estar na base da sinofilia praticada por alguns dos mais destacados nomes do século das Luzes, como **Voltaire**, **Leibniz** ou **Quesnay**.

Destacam-se aqui as traduções latinas dos *Clássicos* chineses realizadas por **Prospero Intorcetta**, a primeira edição da obra de Confúcio promovida por **Philippe Couplet** e a ampla reflexão humanística e científica exposta nas obras de **Athanasius Kircher**. A este conjunto devemos juntar os ambiciosos trabalhos geográficos e cartográficos correspondentes aos *Atlas* de **Martino Martini** e de **Jean-Baptiste Du Halde**, que executaram as mais completas sínteses de fontes europeias e chinesas do seu tempo, oferecendo aos leitores um retrato muito nítido da extensão da China e das suas fronteiras, assim como da topografia, das cidades, dos monumentos e de várias práticas quotidianas das suas gentes. O mesmo deve ser dito a propósito da gramática de língua mandarim impressa pelo orientalista **Étienne Fourmont** em 1742, resultado de cerca de quarenta anos de investigações iniciadas pelo letrado chinês **Arcadio Huang** e que foi o primeiro título impresso em Paris com caracteres chineses. Por sua vez, o estabelecimento da astronomia europeia na China, marcado pela influência que os jesuítas **Adam Schall von Bell** e **Ferdinand Verbiest** conseguiram exercer junto dos imperadores **Shunzhi** e **Kangxi**, é ilustrado pela célebre vista em

perspectiva do terraço do Observatório Imperial de Pequim (Beijing), originalmente divulgada por Verbiest em 1674. As suas esferas armilares, o globo, o azimute, o quadrante e o sextante tanto testemunham a adaptação que Verbiest realizou da obra *Astronomiae Instauratae Mechanica* do astrónomo dinamarquês **Tycho Brahe**, como a perícia técnica e artística dos artesãos chineses que colaboraram na fabricação destes instrumentos.

A célebre “**Querela dos Ritos Chineses**”, atizada após a chegada dos Ordens mendicantes à China, no princípio da década de 1630, e que questionou a acomodação do Cristianismo à cultura clássica chinesa prevalecente entre os missionários da Companhia de Jesus desde o tempo de **Matteo Ricci**, é assinalada por dois textos deste período: os influentes *Tratados Historicos, Politicos, Ethicos y Religiosos de la Monarchia de China* de **Domingo Fernández Navarrete**, o arqui-inimigo da estratégia sincrética praticada pelos jesuítas no Império chinês; e uma carta endereçada ao padre **José Monteiro**, vice-provincial da China, pelo cardeal **Carlo Tommaso Maillard de Tournon**, Patriarca de Antioquia e legado apostólico enviado à China em 1703. Tournon fora incumbido pelo papa **Clemente XI** da missão de minar tanto a actividade dos jesuítas, como o monopólio de padroado concedido ao rei de Portugal nas dioceses chinesas. **D. João V** reagirá, nomeando seu “enviado

extraordinário” a Pequim o matemático jesuíta **João Francisco Cardoso**, naquela que foi uma das respostas mais visíveis à crise dos Ritos. Mas se esta violenta polémica religiosa e política veio a comprometer inexoravelmente a acção dos missionários da Companhia de Jesus no terreno, nem por isso a Europa deixou de receber um constante influxo de notícias e imagens da China, designadamente trazidas pela mão de mercadores ou de embaixadas e destinadas a promover as actividades náuticas e os sucessos mercantis dos seus patronos holandeses, franceses ou ingleses. São exemplo disso as paisagens urbanas, o desenho de monumentos ou a cena que regista um banquete com o imperador oferecidas por **Olfert Dapper** no seu relato das expedições do almirante **Balthasar Bort** à costa sul da China, em 1663 e 1664, e da missão comercial de **Pieter van Hoorn** a Pequim, de 1666-1668. Em muitos casos, tratam-se de ilustrações sucessivamente reproduzidas e adaptadas em diversos livros de viagem da época, por intermédio das quais se reforçaram as relações de complementaridade existentes entre os textos, as imagens e os mapas.

De acordo com este mesmo registo de obras desprovidas de uma agenda missionária, cabe ainda destacar a publicação de tratados expressamente

vocacionados para a descrição dos recursos naturais chineses que eram alvo de crescente consumo na Europa, como a seda, as pérolas, o chá ou a laca, dos quais seleccionámos os exemplos oferecidos por **Filippo Buonanni** e **Philippe Sylvestre Dufour**. O mesmo espírito encarregar-se-á de apresentar a síntese escrita ou visual destas e de outras matérias específicas da realidade material, histórica, política, cultural e científica do mundo chinês aos leitores dos múltiplos tomos do *Recueil de Planches de l'Encyclopédie par ordre de matières* ou da *Encyclopedie Méthodique* de **Charles-Joseph Panckoucke**, dois dos mais directos herdeiros da nova organização do saber trazida pela *Encyclopédie* de **Diderot** e **d’Alembert**. Foi por esta via erudita, e quase sempre profusamente ilustrada, que a Europa aprendeu a fixar o seu moderno conhecimento sobre a China.

COMISSÃO ORGANIZADORA:

Francisco Roque de Oliveira (coord.) |
Centro de Estudos Geográficos da
Universidade de Lisboa

Mafalda Nobre | Biblioteca do Palácio
Nacional de Mafra

Maria Teresa Amaral | Biblioteca do
Palácio Nacional de Mafra

Organização:



GOVERNO DE
PORTUGAL

SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

PATRIMÓNIO
CULTURAL

Direção-Geral do Património Cultural



PNMAFRA



Centro de
Estudos Geográficos
UNIVERSIDADE DE LISBOA